

O LUGAR DA RELIGIOSIDADE NO ACONSELHAMENTO FILOSÓFICO: LOGOTERAPIA E SENTIDO ÚLTIMO

*Demétrius Vinícius Machado*⁶⁸

*Luís Geraldo Silva*⁶⁹

Resumo

Este artigo tem por objetivo apresentar o pensamento de Viktor Frankl no que diz respeito à religiosidade humana e como esta pode contribuir para a prática do Aconselhamento Filosófico e para a ajuda que se propõe aos aconselhados. A presente pesquisa foi realizada com base em materiais de natureza bibliográfica, visando construir uma argumentação analítico crítica sobre o tema em questão. Para Frankl, o sentimento religioso faz parte da constituição humana e pode ser parte do conteúdo causal da busca por ajuda terapêutica. O Aconselhamento Filosófico envolve o elemento religioso, que deve ser utilizado de forma crítica e aberta. Na perspectiva da logoterapia o ser humano possui em sua constituição um inconsciente espiritual que pode ser reprimido. Essa constatação fundamenta o lugar que se deve dar para a religiosidade no Aconselhamento Filosófico.

Palavras-chave: Sentido. Religiosidade. Reduccionismo. Inconsciente Espiritual.

68 Graduado em Teologia pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (2006). Especialista em Aconselhamento Filosófico pelo Claretiano Centro Universitário (2017). E-mail: demetriusmachado@ig.com.br

69 Mestre em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUCCAMP); licenciado em Matemática pela mesma instituição. Docente de cursos de Graduação e Pós-graduação do Claretiano – Centro Universitário. E-mail: <luissilva@claretiano.edu.br>.

Abstract

This article aims to present the thinking of Viktor Frankl with regard to human religiosity and how it can contribute to the practice of Philosophical Counseling and to the help that is proposed to those advised. This research was carried out based on materials of a bibliographic nature, aiming to build a critical analytical argument on the subject in question. For Frankl, religious feeling is part of the human constitution and can be part of the causal content of the search for therapeutic help. Philosophical Counseling involves the religious element, which must be used critically and openly. From the perspective of logotherapy, the human being has a spiritual unconscious in its constitution that can be repressed. This finding underlies the place that must be given to religiosity in Philosophical Counseling.

Keywords: Sense. Religiosity. Reductionism. Spiritual Unconscious.

Introdução

O Aconselhamento Filosófico se encontra na intersecção entre a filosofia e a ajuda e, como conceitua Menezes (2011, p. 102), “designa um serviço em que um filósofo ajuda alguém a filosofar”. Esse serviço objetiva a orientação, o acréscimo de qualidade à vida da pessoa, a capacidade de interpretar vivências, de tomar decisões práticas, resolver problemas ao nível de convivência e outras possibilidades (MENEZES, 2011).

Filosofar pode ajudar na compreensão do fenômeno religioso e na compreensão da própria religiosidade do aconselhando. Contribui para o aconselhando refletir se sua experiência religiosa é a única possível e se contribui para solucionar ou aliviar seu desconforto e desassossego, ou mesmo proporcionar sentido e orientação.

A religiosidade é uma realidade. O sentimento religioso está presente no ser humano, mesmo em termos de negação, como no caso do ateísmo. Sendo assim, podemos afirmar que existe um ponto de intersecção entre Aconselhamento Filosófico e religiosidade humana. Há conexões entre religiosidade e Aconselhamento Filosófico. Tal conexão se apresenta na consolação espiritual proporcionada pelo Aconselhamento Filosófico e pelo sentimento religioso. A conexão se legitima quando o Aconselhamento Filosófico se mantém “sensível à fragilidade, sofrimento ou perturbação em que provavelmente se encontra quem pediu ajuda [...] Assim, a qualidade de uma atividade especificamente filosófica não impede, pelo contrário, o envolvimento de outras disciplinas, com previsíveis vantagens para todas” (MENEZES, 2011, pp. 112,113). Menezes (2011) completa afirmando que “o AF não pode ignorar as aquisições científicas das outras áreas disciplinares nem as potencialidades e problemas teórico-práticos que delas advêm” (MENEZES, 2011, p. 113). Portanto, existem temáticas comuns entre

filosofia, ajuda e religiosidade. “Deverá perguntar-se pelas ressonâncias religiosas, políticas, econômicas, científicas e culturais que vibram no fenômeno do AF” (MENEZES, 2011, p. 118).

Portanto, a inter-relação entre Aconselhamento Filosófico e religiosidade pode se dar na duplicidade de direção, ou seja, na religiosidade como ponto de partida para o Aconselhamento Filosófico e no AF como crítica às crenças estabelecidas, como observa Menezes (2011): “O AF sugere uma aplicação da reflexão de tipo filosófica a situações concretas da experiência individual, capaz de acrescentar algo à compreensão espontânea das mesmas, mas também capaz de repercutir sobre a organização do sentido de ulteriores vivências e ações.” (MENEZES, 2011, p. 119).

A pesquisa sobre AF deve incluir tópicos de reflexão sobre a sua relação com toda uma tradição de ‘aconselhamento’ [...] deve também confrontar-se com o aparecimento da gigantesca indústria de ajuda e bem-estar em que se incluem múltiplas e muito variadas disciplinas, práticas, serviços e mercadorias, que vão desde a Psicologia Clínica e da Medicina Psiquiátrica ao “counselling” a indivíduos e empresas, passando pelo “critical thinking”, pela ‘programação neuro-linguística’ e por muitas outras “ajudas”, tais como as que mais visivelmente se baseiam em ecléticas misturas de esoterismos, holismos, transcendentalismos, misticismos, naturalismos, vitalismos, etc., todos eles, de alguma forma, dirigidos ao indivíduo ao qual propõem meios e orientação. Estas diferentes encarnações da semântica contemporânea da ajuda (que não se esgota nos fenômenos atrás listados) permitem-nos pôr em causa que cada uma delas disponha da mesma capacidade de se reportar aos problemas gerados na sociedade actual e que efetivamente repercutem sobre a experiência individual. (MENEZES, 2011, p. 131).

A fim de analisar o lugar da religiosidade no Aconselhamento Filosófico, contaremos com a contribuição da Logoterapia de Viktor Emil Frankl, delimitando nosso estudo em torno da perspectiva da terceira escola vienense de psicoterapia. Demonstraremos que esse é um tema recorrente na Logoterapia, que se apresenta como uma escola de terapia multidimensional.

Da experiência de vida de Frankl e de sua passagem por quatro campos de concentração emerge o fato relevante de que o elemento religioso sobrevive e se fortalece nas situações mais intensas da vida, enquanto outras questões perdem sua relevância. Além disso, o sentimento religioso opera como força vital capaz de tornar a pessoa mais apta e mais capaz de suportar o sofrimento e os revezes impostos pelas contingências da existência humana.

A falta de sentimentos do prisioneiro de muitos anos no campo de concentração é precisamente um dos reflexos da desvalorização de tudo aquilo que não serve ao interesse mais primitivo da preservação da vida. Tudo o mais, necessariamente, parece

um evidente luxo aos olhos do prisioneiro. Isso dá origem a um retraimento ante todas as questões intelectuais e culturais de todos os interesses mais elevados. De um modo geral, prevalece uma espécie de *hibernação cultural*. À parte desse fenômeno mais ou menos geral, existem apenas duas áreas de interesse. Em primeiro lugar, a política (o que não é de surpreender) e, em segundo, a religião (o que não deixa de ser notável). [...] O interesse religioso dos prisioneiros, quando surgia, era o mais ardente que se possa imaginar. Não era sem um certo abalo que os prisioneiros recém-chegados se surpreendiam com a vitalidade e profundidade do sentimento religioso. [...] Pessoas sensíveis, originalmente habituadas a uma vida intelectual e culturalmente ativa, dependendo das circunstâncias e a despeito de sua delicada sensibilidade emocional, experimentarão a difícil situação externa do campo de concentração de forma, sem dúvida, dolorosa; essa, não obstante, terá para elas efeitos menos destrutivos em sua existência espiritual. Pois justamente para essas pessoas permanece aberta a possibilidade de se retirar daquele ambiente terrível para se refugiar num domínio de liberdade espiritual e riqueza interior. Essa é a única explicação para o paradoxo de, às vezes, justamente aquelas pessoas de constituição mais delicada conseguirem suportar melhor a vida num campo de concentração do que as pessoas de natureza mais robusta. (FRANKL, 2016, pp. 51-53).

Muitas vezes a religiosidade e temas relacionados a ela faz com que pessoas procurem ajuda terapêutica, como observa Frankl (2016). O conteúdo causal da busca por ajuda e mesmo do sofrimento existencial de muitos está relacionado a questões ligadas ao sentimento religioso, e esse conteúdo não deve ser desprezado quando a finalidade da terapia é ajudar, a fim de se evitar quaisquer formas de reducionismo.

Cada vez mais os psiquiatras são procurados por pacientes que os confrontam com problemas humanos e não tanto com sintomas neuróticos. Parte das pessoas que hoje buscam um psiquiatra teriam procurado um pastor, sacerdote ou rabino em épocas anteriores. Agora elas frequentemente recusam seu encaminhamento para clérigos e, ao contrário, confrontam o médico com questões como: 'Qual é o sentido da minha vida?' [...] quando o paciente está sobre o chão firme de fé religiosa, não se pode objetar ao uso do efeito terapêutico das suas convicções espirituais. (2016, pp. 140,142).

Através do presente artigo procuraremos mostrar a identificação que há entre Aconselhamento Filosófico e religiosidade no âmbito do trato do sofrimento, da busca de sentido e de outras questões de natureza individual.

Defender a relevância do entendimento da logoterapia referente ao fenômeno religioso. Tendo característica multidimensional, a logoterapia reconhece a religiosidade como parte da dimensão humana

e de sua relação com o divino. Além disso, reconhece como parte da vontade de sentido o sentido último, o suprassentido, e a fé religiosa como fé nesse suprassentido (FRANKL, 2015, p. 89).

Demonstrar que toda terapia ou psicoterapia precisa levar a sério o elemento religioso da pessoa, e superar o reducionismo que vê a religião como nada mais que uma neurose ou uma imagem distorcida do Pai (FRANKL, 2015). Sendo parecidas com os idiomas, o reconhecimento do lugar da religiosidade promove a tolerância e a aceitação, e contribui para que o conselheiro filosófico desenvolva a neutralidade ideológica, evitando questionar ou julgar a escolha de fé do aconselhado (FRANKL, 2014).

Aplicar os princípios da Logoterapia concernente à compreensão do fenômeno religioso à prática do Aconselhamento Filosófico. O diálogo proposto pelo AF envolve também o elemento religioso, de forma crítica e aberta. Sendo a religiosidade um caminho para a possibilidade de ajuda, assim como os demais aspectos da experiência humana, aplica-se os princípios logoterápicos de tolerância, objetividade da verdade relacionada à pessoa (FRANKL, 2014), valoração da vida, autotranscendência e outros.

A logoterapia como terapia dos sentidos

Através do Aconselhamento Filosófico podemos oferecer tratamento para frustrações e angústias existenciais que acometem as pessoas, na perspectiva de terapia para o *são* (indivíduo saudável) e olhar perspectivo (ao invés de retrospectivo) em direção ao futuro e às possibilidades de realizações que contribuam para o bem-estar psíquico e social do aconselhando. Esse olhar perspectivo é uma das características da Logoterapia que contribui para a prática do Aconselhamento Filosófico. Diferente de outras psicoterapias, a logoterapia tem como objetivo a realização dos sentidos, como observa Frankl (2016): “Se comparada à psicanálise, a logoterapia é menos *retrospectiva* e menos *introspectiva*. A logoterapia concentra-se mais no futuro, ou seja, nos sentidos a serem realizados pelo paciente em seu futuro. (A logoterapia é, de fato, uma psicoterapia centrada no sentido)” (FRANKL, 2016, pp. 123,124). Para Frankl (2016), a vontade de sentido é primária na vida de uma pessoa e constitui o cerne da Logoterapia, conhecida também como “Terceira Escola Vienense de Psicoterapia”.

A logoterapia, de fato, confronta o paciente com o sentido de sua vida e o reorienta para o mesmo. E torná-lo consciente desse sentido pode contribuir em muito para sua capacidade de superar a neurose. Quero explicar por que tomei o termo “logoterapia” para designar minha teoria. O termo “*logos*” é uma palavra grega e significa “sentido”! A logoterapia, ou, como tem sido chamada por alguns autores, a “Terceira Escola Vienense de Psicoterapia”, concentra-se no sentido da existência humana, bem como na busca da pessoa por esse sentido. Para a

logoterapia, a busca de sentido na vida da pessoa é a principal força motivadora no ser humano [...] A busca do indivíduo por um sentido é a motivação primária em sua vida, e não uma “racionalização secundária” de impulsos instintivos. Esse sentido é exclusivo e específico, uma vez que precisa e pode ser cumprido somente por aquela determinada pessoa [...] o ser humano é capaz de viver e até de morrer por seus ideais e valores! (FRANKL, 2016, pp. 124,125).

No quadro das psicoterapias, a logoterapia de Frankl se contrapõe às psicoterapias vienenses freudiana e adleriana, se caracterizando pelo seu aspecto existencial, sendo considerada uma filosofia de caráter existencial (FRANKL, 2011). “Por essa razão costumo falar de uma *vontade de sentido*, a contrastar com o princípio do prazer (ou, como também poderíamos chamá-lo, a *vontade de prazer*), no qual repousa a psicanálise freudiana, e contrastando ainda com a *vontade de poder*, enfatizada pela psicologia adleriana através do uso do termo ‘busca de superioridade’.” (FRANKL, 2016, p. 124). A logoterapia compreende a vontade de sentido como busca e anseio que, ao não ser concretizada, produz uma frustração existencial que se manifesta na vontade de prazer e vontade de poder. Para Frankl (2016), estas são máscaras e disfarces que procuram encobrir a dura realidade de sofrimento existencial do ser humano, que pode resultar em neuroses. A frustração da vontade de sentido conduz à busca pelo prazer e pelo poder, elementos constituintes das escolas de Freud e Adler.

O princípio do prazer é autoanulativo. Quanto mais se faz do prazer um alvo, mais se erra a mira. Em outras palavras, é justamente a “busca da felicidade” que frustra sua obtenção. O caráter autoanulativo da busca de prazer está presente em inúmeras neuroses sexuais. Cada vez mais, os terapeutas têm testemunhado o quanto o orgasmo e a potência sexual, quando alvos de intenção exagerada, são prejudicados. [...] Em condições normais, o prazer nunca é a finalidade última da atividade humana, mas, sim – e deve continuar sendo –, um efeito, mais especificamente, um efeito colateral da consecução de uma meta. [...] A ênfase concedida ao princípio do prazer, na psicologia freudiana, é análoga à importância que a teoria de Adler dá ao desejo de superioridade. [...] Sucesso e *felicidade* devem *acontecer*, e, quanto menos nós nos importamos com eles, mais eles acontecem. Em última instância, o desejo de superioridade, ou a vontade de poder – de um lado – e o princípio do prazer, ou – como também se pode chamar – a vontade de prazer também são meras derivações da motivação primária do homem, isto é, de sua vontade de sentido. (FRANKL, 2011, pp. 48-50).

Prazer e poder, portanto, são efeitos da realização de sentido, e não fins em si mesmos, assim como felicidade e sucesso não devem ser alvos da busca humana, mas consequências da realização de sentidos. Não são metas a serem alcançadas. Para Frankl (2016), as vontades de

prazer e de poder derivam da vontade, da busca por um sentido, que não deve ser frustrada, antes encontrado. “É apenas na frustração da orientação original pelo sentido que alguém pode contentar-se com o poder ou fixar-se no prazer.” (FRANKL, 2011, p. 50).

A vontade de sentido se realiza através de três formas: na realização de algo, no encontro de alguém e através do sofrimento. Frankl (2016) descreve assim os caminhos para o sentido na vida.

Como ensina a logoterapia, há três caminhos principais pelos quais se pode chegar ao sentido na vida. O primeiro consiste em criar um trabalho ou fazer uma ação. O segundo está em experimentar algo ou encontrar alguém; em outras palavras, o sentido pode ser encontrado não só no trabalho, mas também no amor. [...] O mais importante, no entanto, é o terceiro caminho para o sentido na vida: mesmo uma vítima desamparada, numa situação sem esperança, enfrentando um destino que não pode mudar, pode erguer-se acima de si mesma, crescer para além de si mesma e, assim, mudar-se a si mesma. Pode transformar a tragédia pessoal em triunfo. (2016, p. 168).

Portanto, o ser humano é um ser aberto ao mundo, e essa abertura consiste em encontrar sentidos, encontrar outros seres humanos e encontrar a si mesmo. Cabe ao Aconselhamento Filosófico auxiliar nessa busca e promover, através do diálogo e do conteúdo da tradição filosófica, tais encontros existenciais e plenos de sentido.

Quanto ao sentido último, que se relaciona com o aspecto religioso da pessoa humana, é também denominado suprasentido, e é esse o sentido que a pessoa religiosa traz consigo e que pode ser utilizado no diálogo terapêutico, como observa Frankl:

Esse sentido último necessariamente excede e ultrapassa a capacidade intelectual finita do ser humano; na logoterapia falamos neste contexto de um suprasentido. O que se requer da pessoa não é aquilo que alguns filósofos existenciais ensinam, ou seja, suportar a falta de sentido da vida; o que se propõe é, antes, suportar a incapacidade de compreender, em termos racionais, o fato de que a vida tem um sentido incondicional. O *logos* é mais profundo do que a lógica. (2016, p. 142).

Para ilustrar esse ponto, Frankl (2011) se utiliza daquilo que denomina *analogia dimensional*, a fim de reforçar o aspecto do incompreensível e da incapacidade humana no que tange à compreensão do sentido último. “O mundo humano abrange o mundo animal. De certo modo, o homem pode entender o animal, mas este não pode entender o homem. Meu argumento é o de que há uma similaridade nesse quociente, nessa relação homem-animal e homem-Deus.” (FRANKL, 2011, p. 180). O sentido último, portanto, faz parte do solo existencial, entretanto não é uma questão que deve ser analisada numa perspectiva intelectual, mas na perspectiva da fé, pois “a fé num sentido último é precedida pela crença

em um Ser último: pela crença em Deus.” (FRANKL, 2011, p. 181). Frankl (2011) propõe um outro caminho, diferente da tendência científica de descrever os fenômenos. Ao invés de falarmos sobre o Ser último, sobre Deus, devemos orar a Ele. “A diferença dimensional entre o Ser último e os seres humanos, imprime ao homem a incapacidade de realmente falar de Deus. Falar de Deus implicaria torná-lo coisa, redundaria em reificação. Personificação seria mais apropriada. Em outras palavras, o homem não pode falar de Deus, mas pode falar a Deus. Ele pode orar.” (FRANKL, 2011, p. 182). Essa atitude caracteriza a espiritualidade e possui implicações terapêuticas. Quando se procura falar mais sobre Deus (os dogmas, doutrinas religiosas, crenças, etc.) ao invés de falar a Ele, isso pode resultar em crenças equivocadas ou mesmo em neuroses. Nesse sentido, cabe ao Aconselhamento Filosófico o exercício crítico e a proposta de uma ajuda que liberte a pessoa de crenças patológicas.

O problema do reducionismo

Ao tratar da relação entre neurose e religião, Frankl (2011) refuta o determinismo mecanicista presente em muitas abordagens psicoterápicas (o que ele denomina de “pandeterminismo”), e sua perspectiva negativa em relação à religiosidade, afirmando que não há uma ligação entre fé e imago do pai. A religião opera de forma independente das disfunções mentais.

Nem a pior das imagos paternas afastaria, necessariamente, o indivíduo de estabelecer uma relação saudável com Deus. Fatos não determinam nada. O que importa é a atitude que tomamos diante deles. As pessoas não precisam se tornar monges ou freiras ruins por causa de uma neurose, mas podem bem tornar-se autênticos religiosos, apesar dela. E, nesse caso, o que vale, para esses religiosos, também vale para os psiquiatras. [...] Como dissemos, a neurose não é, necessariamente, nociva à experiência religiosa. O neurótico pode ser autenticamente religioso, tanto apesar de uma neurose quanto por causa de uma neurose. Esse fato reflete a independência e a autenticidade da religião. Contra todas as aparências, ela se mostra indestrutível e indelével. Nem uma psicose pode destruí-la. (2011, pp. 170-172).

Assim como quaisquer abordagens terapêuticas, a logoterapia não possui características religiosas, entretanto, não despreza as contribuições que podem advir do sentimento e convicções religiosas dos pacientes. O mesmo se aplica ao Aconselhamento Filosófico. O desprezo das contribuições religiosas dos pacientes pode comprometer a ajuda e o conforto, ao se anular ou tratar com descaso uma dimensão que pode ser a mais significativa na vida de quem busca ajuda.

(Em si mesma, a logoterapia é uma abordagem laica de problemas clínicos. No entanto, quando um paciente traz, por si mesmo, a convicção de uma crença religiosa, não pode haver

objeção quanto ao uso do alcance terapêutico de sua fé religiosa, o que, por consequência, acaba por mobilizar, também, seus recursos espirituais. Pra alcançar tal fim, o logoterapeuta precisa procurar pôr-se no lugar do paciente). [...] E o que pode ser mais desmoralizante para um indivíduo do que a crença de que sua doença e seu sofrimento não têm sentido algum? O que é realmente trágico nisso tudo não é o fato de os profissionais da saúde não terem preparo suficiente para ajudar nesses casos. A tragédia mesma é o fato de que esses problemas não são sequer reconhecidos por aqueles cuja responsabilidade é a de trazer ajuda e conforto. (FRANKL, 2011, pp. 152,155).

Cabe aqui frisar que a logoterapia trata a religião como objeto e não como posição, evitando assim quaisquer interpretações que possam ir além do entendimento de que ela faz parte dos fenômenos tipicamente humanos. Frankl (2014) destaca que

[...] se torna fácil depreciar a Logoterapia, quando se diz que isto é paradigma, que isto é ideologia pessoal, que isto é religiosidade pessoal do Sr. Frankl, que não é nenhum cientista; que ele gostaria de deixar a religião entrar através da porta dos fundos, depois que nós nos livramos finalmente dos clérigos etc. Agora, de certa maneira, também existe um pouco de verdade dentro disso. A Logoterapia se mantém aberta à transantropológica – eu não digo transpessoal de propósito – dimensão. Talvez seja por isso que a religião para a Logoterapia também ainda seja “apenas” um objeto, e nunca uma posição [...] e em oposição ao reducionismo a Logoterapia se nega a se reduzir a algum tipo de fenômenos sub-humanos ou se deixar abstrair deles. (FRANKL, 2014, pp. 156,157).

Em relação ao reducionismo, o que Frankl (2014) alerta em sua perspectiva terapêutica, é o risco que corremos de perder a visão total da dimensão humana, com todas as suas implicações e necessidades, sendo que a religiosidade e a busca por sentido são duas delas. Ou seja, é preciso aceitar o ser humano como ele é, com toda a sua carga existencial e emotiva e com todas as suas ambiguidades.

Já seria o bastante se os psiquiatras parassem de propagar que Deus não seria nada além de uma imagem paterna e que a religião não seria outra coisa do que uma neurose obsessiva da humanidade. E já seria bom se os pedagogos parassem de criar uma imagem disparata do homem que debilita a orientação normal do sentido da pessoa jovem e todo seu entusiasmo. Porque quando eu, seja como estudante em solo acadêmico, seja como paciente, sou desdoutorado, no sentido do pandeterminismo – o homem não é nada além do que um produto da herança e do ambiente ou de processos condicionados -, sim, então eu tenho mesmo razão quando eu digo: eu não sou livre e em consequência também não sou responsável. Por que eu não deveria cometer atos criminosos, por que eu deveria viver orientado

pelo sentido? Porque quando a gente convence as pessoas de que o homem não seria nada mais do que um “macaco nu”, ou quando a gente o persuade de que o homem seria apenas uma bola de brinquedo dos impulsos ou de que ele não seria nada mais do que o produto de relações de produção, ou o resultado de processos de aprendizagem – sim, então eu paraliso sim a original orientação de sentido. (FRANKL, 2014, pp. 86,87).

O reducionismo é uma armadilha em que qualquer terapeuta pode cair, quando entende que seu método ou seus pressupostos delimitam e determinam a interpretação da condição humana. O que se faz necessário compreender na prática do Aconselhamento Filosófico é que a atual conjuntura sinaliza que as formas de religiosidade estão cada vez mais se descolando das tradições religiosas denominacionais e migrando para um tipo mais pessoal de religiosidade. A perspectiva de Frankl (2014) se confirma na atualidade, por exemplo, no crescimento estatístico dos desigrejados (sem igreja)⁷⁰, fenômeno também conhecido como niilismo eclesiástico. Assinala Frankl (2014): “parece-me que não estamos indo ao encontro de uma religiosidade universal, e que em oposição caminhamos para uma religiosidade profundamente pessoal, a partir da qual cada um encontrará sua linguagem, própria, pessoal, sua linguagem particular, quando se dirigir a Deus.” (FRANKL, 2014, p. 127).

O sentimento religioso pode ser causa de sofrimento e mesmo de depressão. Nesse sentido, a religiosidade pode se apresentar no Aconselhamento Filosófico como elemento negativo, ou seja, uma religiosidade de natureza doentia. Neuroses podem ter como pano de fundo relacionamentos e convicções equivocadas sobre a religião ou espiritualidade. E não são poucos os casos em que isso acontece, como exemplifica o Dr. Frankl (2011):

Uma irmã carmelita vinha sofrendo de uma depressão que se revelou somatogênica, dando entrada no Departamento de Neurologia do Hospital Policlínico. Antes que qualquer tratamento medicamentoso pudesse amenizar sua depressão, descobriu-se que esta havia sido reforçada por um trauma psíquico. Um padre católico lhe dissera que, se ela fosse, de fato, uma autêntica carmelita, já teria se curado há muito tempo. Obviamente, a afirmação do padre não tinha fundamento algum, mas acabou por adicionar uma depressão psicogênica (ou, mais especificamente, uma ‘neurose eclesiogênica’, como Schaetzing a costuma chamar) à sua já estabelecida depressão somatogênica. [...] uma neurose que conduz alguém à religiosidade, esta, com o passar do tempo, pode bem tornar-se autêntica, vindo,

70 Informações sobre esse fenômeno em: SCHWARTSMAN, Hélio . **Cresce o número de evangélicos sem ligação com igrejas**. Jornal Folha de São Paulo. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/poder/p01508201102.htm>. Acesso em 17 out 2017; CARDOSO, Rodrigo. O novo retrato da fé no Brasil. Revista Época. Disponível em: https://istoe.com.br/152980_O-NOVO+RETRATO+DA+FE+NO+BRASIL/. Acesso em 17 out 2017.

finalmente, ajudar a pessoa a superar a neurose. [...] estar livre de neuroses, de modo nenhum, garante uma autêntica vida religiosa. (FRANKL, 2011, pp. 164,166).

Menezes (2011) ainda destaca a capacidade inerente do AF em “incluir uma pluralidade de perspectivas irreduzíveis acerca do sentido da vida e dos aspectos ético-morais da convivência humana.” (MENEZES, 2011, p. 131). “A função pragmática do AF obriga a ter em linha de conta que o estatuto ontológico de indivíduo impõe tomá-lo como actualização temporalizada de possibilidades, como mútua implicação entre simplicidade e multiplicidade e entre necessidade e contingência.” (MENEZES, 2011, p. 133). Menezes (2011) comenta também que o Aconselhamento Filosófico, a fim de tratar o indivíduo em sua singularidade e identidade, deverá “recorrer à *forma* do indivíduo para ajudá-lo a orientar-se” (MENEZES, 2011, p. 133). Dentro dessa forma individual encontra-se o elemento religioso.

Ao atuarmos sobre as nossas crenças e valores podemos pretender tornar menos áspera a nossa experiência. Como vimos, há muitas maneiras de o fazer [...] Podemos interpretar o mundo religiosamente, depositando a nossa fé numa ordem superior e transcendente que dá uma finalidade valiosa a tudo o que acontece [...] Desde que qualquer uma destas alternativas funcione, podemos acolhê-la como legítima e desejável [...] Se a ajuda de [sic] filosófica funciona, é porque nos permite compreender a mobilidade do “real” e a pluralidade das suas simultâneas e actuais configurações; permite-nos compreender que na actualidade daquilo a que se chama “realidade” estão inscritas múltiplas possibilidades de observação e de construção de sentido; permite-nos dar conta da pluralidade de centros em que a realidade se auto-reflecte; permite-nos observar o modo como outros centros de reflexão a observam; permite-nos apreender os processos por meio dos quais cada um deles aprende a manter a sua autonomia apesar das recíprocas perturbações de uns sobre os outros; permite-nos entender que uma parte da dureza da experiência resulta da demasiada rigidez que lhe impõem as nossas crenças e valores ou da estreiteza das nossas assumpções; permite-nos duvidar acerca da possibilidade de uma correspondência entre uma visão simples e fixa do mundo e os factos concretos e complexos dessa experiência; e permite-nos lançar alguma luz sobre o facto de nem podermos aceitar as reduções relativistas e subjectivistas que fariam de nós pequenos deuses criadores do nosso próprio mundo, nem aquelas que nos reduzem a escravos das circunstâncias. (MENEZES, 2011, p. 134, 136).

Portanto, o Aconselhamento Filosófico, deve assumir a mesma postura presente na logoterapia, quanto à religiosidade, evitando determinismos mecanicistas, preconceitos relacionados a abordagens psicoterápicas e a visão negativista que muitos possuem em relação à religiosidade.

O inconsciente religioso

Sobre a importância de reconhecer o ser humano como intrinsecamente religioso, e a religião como fenômeno tipicamente humano, a logoterapia não rejeita e nem refuta a autenticidade do sentimento religioso. Pelo contrário, a religiosidade dos pacientes deve ser levada a sério pelos psicoterapeutas, pois ela faz parte do fenômeno humano e manifesta a riqueza de recursos de ajuda e conforto. Essa é a ótica pela qual devemos olhar com perspectiva positiva a religiosidade do aconselhado, no sentido de um elemento importante para a oferta de ajuda através do Aconselhamento Filosófico.

Sob a luz da logoterapia, isso não implica tomar partido específico nas questões concernentes à relação entre teísmo e humanismo, já que entendemos que a religião constitui um fenômeno humano que, como tal, deve ser considerado com seriedade. Tal fenômeno deve ser encarado como autêntico e não, simplesmente, subestimado por uma redução interpretativa a fenômenos sub-humanos. Quando levamos a religião a sério, permitimo-nos contar com os recursos espirituais do paciente. Nesse contexto, 'espiritual' significa 'única e verdadeiramente humano'. E, nesse sentido, a intervenção logoterapêutica que descrevemos neste capítulo constitui uma tarefa legítima do médico. Certamente, poderíamos prescindir do ministério médico e, ainda assim, continuarmos a ser médicos, mas – para aludir a um dito espiritual de Paul Dubois – devemos compreender que a única coisa que nos distingue dos veterinários é a clientela. (FRANKL, 2011, p. 175).

Para a logoterapia a religiosidade se apresenta como parte da essência do ser humano (FRANKL, 2001, p. 186) e, apesar de não ser uma posição assumida pela logoterapia, a religião é objeto fenomenológico que incorpora a busca pelo sentido e, por isso, deve ser levada a sério. Ela reflete aquilo que é intrinsecamente humano. A logoterapia se apresenta como terapia multidimensional e transpessoal, características compatíveis com a proposta de Aconselhamento Filosófico que, no dizer de Frankl (2014, p.156-157), pode ser também transantropológica.

Um outro aspecto a destacar na relação entre religiosidade e Aconselhamento Filosófico, e o contributo da logoterapia, é sua ideia de inconsciente religioso, ou inconsciente espiritual. Essa ideia é importante no sentido de fundamentar a proposta de presença do elemento religioso no Aconselhamento Filosófico, reconhecido e valorizado por ser parte essencial do ser humano. Lidar com a humanidade da pessoa é essencial e a ideia de inconsciente espiritual auxilia no entendimento desse aspecto intrinsecamente humano. A definição de Frankl (1992) para inconsciente espiritual é a que segue:

Assim, ao delimitarmos o conceito de 'inconsciente', sentimos a necessidade de efetuarmos algo como uma revisão de limites: não se trata mais de um simples inconsciente instintivo, mas

também de um inconsciente espiritual. O inconsciente não se compõe unicamente de elementos instintivos, mas também espirituais. Desta forma, o conteúdo do inconsciente fica consideravelmente ampliado, diferenciando-se em instintividade inconsciente e espiritualidade inconsciente. [...] Freud viu no inconsciente apenas a instintividade inconsciente; para ele, o inconsciente era primordialmente um reservatório de instintividade reprimida. Na realidade, porém, não só o instintivo é inconsciente, mas o espiritual também. Conforme iremos demonstrar adiante, o espiritual, assim como a própria existência, é algo imprescindível e, enfim, necessário, por ser essencialmente inconsciente. (FRANKL, 1992, p. 18).

A repressão inconsciente do ser humano pode ser de natureza instintiva e/ou espiritual. Assim como se reprime a libido, também se reprime a religiosidade. O âmbito do Aconselhamento Filosófico pode conter esses elementos reprimidos e/ou repressores. Cabe ao conselheiro filosófico lidar com essas questões a fim de ajudar e consolar. Esse pressuposto é uma das contribuições da logoterapia para a prática de ajuda, ou seja, o entendimento de que a religiosidade pode se apresentar como elemento reprimido e causa de sofrimento e angústia. Por que o elemento religioso se apresenta mesmo em pessoas que não seguem nenhuma religião? Porque são expressão de nossa humanidade e de nosso inconsciente espiritual.

Depois do que foi dito sobre o caráter verdadeiramente 'íntimo' da religiosidade autêntica, não nos causará mais espanto saber da possibilidade de uma tal 'repressão' da religiosidade, de seu ocultamento psicológico diante do eu consciente. Também não nos surpreenderá encontrar às vezes sonhos flagrantemente religiosos até em pessoas manifestamente irreligiosas, pois agora conhecemos as razões profundas e essenciais ao ser das quais surge não apenas uma libido inconsciente e reprimida, mas também uma *religio* igualmente inconsciente e reprimida. Pelo exposto torna-se claro, porém, que, enquanto a primeira faz parte do inconsciente instintivo, a segunda pertence essencialmente ao inconsciente espiritual. (FRANKL, 1992, p. 39).

A logoterapia amplia o conceito de inconsciente e, com isso, amplia por consequência o alcance da análise e da compreensão da problemática que envolve a condição humana. Com isso, torna-se possível uma ajuda a um nível mais amplo de realidade, contemplando a dimensão religiosa, além da dimensão psíquica instintiva. A revisão de limites proposta pela logoterapia contribui para o Aconselhamento Filosófico no que diz respeito ao seu aspecto diferencial de análise existencial, como observa Frankl:

Para Frankl (1992), a religiosidade autêntica possui caráter de intimidade e, por envolver o pudor, pode ser reprimida. Reconhecendo o lugar da religiosidade na ajuda terapêutica, o Aconselhamento Filosófico pode contribuir para o exercício saudável e consciente da religiosidade, livre de pudores, preconceitos e temores afins. Nesse sentido,

é papel do conselheiro filosófico proporcionar à pessoa uma avaliação e revisão da própria religiosidade, daquilo que é parte da vida íntima.

A religiosidade, conforme entendida pela logoterapia, possui caráter existencial. Por esse aspecto existencial, se aproxima e adquire seu lugar no âmbito do Aconselhamento Filosófico, cuja abordagem também é existencial. Em relação a ela a pessoa aconselhada pode e deve tomar decisões, objetivando uma vida saudável e de equilíbrio. O elemento volitivo perpassa religiosidade e aconselhamento.

Nenhuma ciência pode compreender-se a si mesma, ou julgar-se a si própria, se não se elevar acima de si mesma. [...] A verdadeira religiosidade não tem caráter de impulso, mas, antes, de decisão. A religiosidade se mantém pelo seu caráter de decisão, e deixa de sê-la quando predomina o caráter de impulso. A religiosidade ou é existencial, ou não é nada. [...] Nós, porém, achamos que a religiosidade inconsciente provém do centro do homem, da própria pessoa (e, neste sentido, verdadeiramente “ex-siste”), a não ser que permaneça latente na profundidade da pessoa, justamente no inconsciente espiritual, como religiosidade reprimida (FRANKL, 1992, pp. 49,50).

A fim de complementar essa ideia e destacar o papel da espontaneidade no processo decisório que envolve o elemento religioso, Frankl (1992) reforça o lugar da religiosidade como objeto e não como intencionalidade, o que para o Aconselhamento Filosófico é fundamental, a fim de não confundir os campos de ação profissional.

A religiosidade, conforme já dissemos, só é genuína quando existencial, quando a pessoa não é impelida para ela, mas se decide por ela. Agora, porém, verificamos que a esta característica de existencialidade devemos acrescentar uma segunda característica, a da espontaneidade. À religiosidade verdadeira, para que seja existencial, deve ser dado o tempo necessário para que possa brotar espontaneamente. [...] Para que a religião possa ter efeitos psicoterapêuticos, seu motivo primário não pode ser absolutamente psicoterapêutico. E, mesmo quando, como efeito secundário, a religião tiver uma influência favorável sobre aspectos tais como saúde e equilíbrio psíquicos, seu objetivo não é a cura psíquica, mas a salvação da alma. A religião não é um seguro para uma vida tranquila, para a ausência máxima de conflitos ou para quaisquer outros objetivos psico-higiênicos. A religião segundo Frankl (1992) dá ao homem mais do que a psicoterapia, mas também dele exige mais. Deve ser evitada com todo rigor qualquer contaminação entre estes dois campos, que podem até coincidir quanto a seus efeitos, mas são diferentes quanto à sua intencionalidade.

Considerações finais

Através do presente artigo constatamos o ponto em que se encontra todo aquele que se propõe à prática do Aconselhamento Filosófico. Estamos no ponto de interseção entre filosofia, ajuda e logoterapia (no

caso deste estudo). Desta última recebemos como contribuição a compreensão do fenômeno religioso como sendo tipicamente humano e uma realidade da pessoa que pode se apresentar de forma reprimida. Reconhecendo a conexão existente entre Aconselhamento Filosófico e Religiosidade, o conselheiro deve explorar esse elemento humano de forma operacional, como objeto, visando a ajuda existencial e a consolação espiritual. Diante da religiosidade de cada pessoa constatamos a manifestação de um fenômeno tipicamente humano, como observa Frankl:

Senhoras e Senhores, após ter-lhes apresentado uma definição operacional de religião tão neutra que engloba até o agnosticismo e o ateísmo, continuei discutindo a religião como psiquiatra, ao considerá-la um fenômeno *humano*, especificamente o mais humano de todos os fenômenos humanos, que é a vontade de sentido. A religião, de fato, pode ser definida como a realização de uma “vontade de sentido último”. Esta nossa definição de religiosidade coincide com aquela apresentada por Albert Einstein: “Ser religioso é ter encontrado uma resposta para a pergunta ‘qual o sentido da vida?’” E há outra definição de Ludwig Wittgenstein que diz: “Crer em Deus significa ver que a vida tem um sentido.” Conforme podemos ver, o físico Einstein, o filósofo Wittgenstein e o psiquiatra Frankl chegaram a definições de religião que se sobrepõem. (FRANKL, 1992, p. 89).

A aceitação desse fenômeno faz-se necessária, desvencilhando-nos dos reducionismos e perspectivas negativas, que limitam a ajuda existencial, ao mesmo tempo em que nos dispomos para o diálogo, como propõe Frankl: “O que nós, psiquiatras, podemos e devemos fazer é manter a continuidade do diálogo entre religião e psiquiatria, no sentido de uma tolerância recíproca tão indispensável numa era de pluralismo e numa área como a medicina, mas também no sentido de uma tolerância mútua conforme transparece de maneira tão impressionante na memorável correspondência entre Oskar Pfister e Sigmund Freud.” (FRANKL, 1992, pp. 89,90).

Portanto, há lugar para o elemento religioso na prática do Aconselhamento Filosófico, lugar esse fundamentado pela realidade do inconsciente espiritual e pelo fato da religiosidade ser parte da constituição do ser humano.

Referências

FRANKL, V. E. LAPIDE, P. **A busca de Deus e questionamentos sobre o sentido**. 2ª Ed. Petrópolis, Vozes, 2014.

FRANKL, V. E. **A presença ignorada de Deus**. 2ª Ed. Petrópolis, Vozes, 1992.

_____. **A vontade de sentido.** Fundamentos e aplicações da logoterapia. Ed. Ampl. São Paulo: Paulus, 2011.

_____. **O sofrimento de uma vida sem sentido:** caminhos para encontrar a razão de viver. São Paulo: É Realizações, 2015.

_____. **Em busca de sentido:** Um psicólogo no campo de concentração. 40ª Ed. Petrópolis: Vozes, 2016.

_____. **Um sentido para a vida.** São Paulo: Ideia&Letras, 2017.

MENEZES, F. M. **A ideia geral do aconselhamento filosófico:** Uma introdução ao tema. Revista Filosófica de Coimbra, n. 39. v. 1, 2011. Disponível em: <http://www.uc.pt/fluc/dfci/publicacoes/a_ideia_geral_do_aconselhamento_filosofico>. Acesso em: 220 ago. 2017.

Recebido: agosto de 2020

Aprovado: novembro de 2020